

André Luiz Porfiro¹

“Não creio em memória ‘verdadeira’. Há uma diferença, uma lacuna entre falar e dizer, aí se instala a memória. Os fatos que relato aconteceram, mas para outros que os viveram significaram outras coisas. Mesmo os livros de História andam cheios de ficção, no sentido em que todo relato introduz uma subjetividade”².

Essa breve homenagem em forma de texto vem à tona a partir de respostas do homenageado: **Joel Rufino dos Santos**. Em contato com uma entrevista da época do lançamento do seu livro de memórias *Assim foi (se me parece)*, ao blog de crítica de arte *A Máquina de Escrever*, fui deixando ser levado pelas reminiscências, tentando fincar os pés no chão com um olhar de hoje. Com a deixa de Joel, permito-me certa intimidade, pois tive o privilégio de ser audiência em algumas de suas palestras e conferências. Fui à procura de suas falas em entrevistas e de fatos que ficaram instalados nas várias memórias possíveis de nosso tempo. Serão esses os fios a costurar o texto: com os relatos, tal qual uma memória, alinhavarei tessituras com as declarações do homenageado. Ficção ou verdade, não sei. Talvez não importe. O texto é real em si.

Joel, como todo ser humano, era único, porém, na maioria das vezes, era o único negro nos espaços em que atuou. Nascido em Cascadura, em 1941, foi professor universitário, historiador, escritor, defensor dos Direitos Humanos, entre outras várias atividades em que colocava a Justiça Social como principal. Participou do ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros - e foi um dos coautores da *História Nova do Brasil*, um marco da historiografia brasileira. O pensamento isebiano até hoje reverbera em nossas falas. Em função dessa atuação, foi levado ao cárcere, nos dias de violência sangrenta da ditadura civil-militar que se instalou no Brasil nos anos 60 do século XX.

Um dos causos que costumava contar nos diálogos que travava com os mais jovens descrevia uma cena na cadeia. O carcereiro, muito intrigado com um negro no meio dos brancos, aproximou-se e perguntou: *“Por que você está na ala dos brancos, dos terroristas? Tinha que ir pro bem bom da crioulada, todo mundo coladinho, quando um senta o outro se levanta...”*

Joel estava com Abdias Nascimento na SEDEPRON, Secretaria de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileira, primeiro órgão do gênero em um governo estadual e influenciador das políticas de igualdade racial posteriores.

Joel escreveu livros de ficção, não ficção e infantil, além de ensaios, artigos e participação em coletâneas. Recebeu do Ministério da Cultura, a comenda da Ordem do Rio Branco, por seu trabalho pela cultura brasileira.

¹ O autor é fã declarado de Joel Rufino dos Santos. É professor de Artes Cênicas no Novo DEGASE e participante do NEAB-ND (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do Novo Degase).

² Retirado de: <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/10/29/entrevista-joel-rufino-dos-santos/>, acessado em 08/04/2016



Fonte: Acervo Fotógrafo Januário Garcia

Joel Rufino dos Santos: um homem pela justiça social

Defensor incansável da cultura afro-brasileira, foi jurado do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro e, um pouco antes de ir para o Orun³, em quatro de setembro de 2015, quando ocupava a função de Diretor-Geral de Comunicação do Tribunal de Justiça, de forma inovadora, promoveu um baile charme em que o povo pobre e negro foi convidado a comparecer não como réu, mas como criador de beleza, como pensador.

Joel foi um dos mais importantes intelectuais brasileiros, figura proeminente no Movimento Negro, batalhador incansável no combate às desigualdades sociais no Brasil, para os afro-brasileiros em especial. A lacuna deixada por sua ausência nos priva, em momento tão delicado do país, de sábias reflexões.

Finalizo essa breve homenagem com uma reflexão de Joel Rufino dos Santos sobre as ações afirmativas:

“A ação afirmativa, que serve de base aos sistemas de cotas regionais, raciais, de gênero etc é um princípio democrático. O Estado corrige injustiças ao estabelecer condições justas de concorrência na luta pela vida. Sou, portanto, a favor, embora reconheça efeitos colaterais indesejáveis na aplicação do sistema. Mas um jovem branco que se sinta preterido pelas cotas é, por isso mesmo, capaz de entender a histórica preterição do negro na universidade, na diplomacia, na política e na iniciativa privada.⁴”

Um pouco mais de **Joel Rufino dos Santos**:⁵

- Coordenador, no ISER, do programa Quanto vale uma criança negra;
- Diretor do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro;
- Presidente da Fundação Cultural Palmares (MINC);
- Membro do Conselho de Cultura da Secretaria Estadual de Cultura;
- Superintendente de Cultura da Secretaria Estadual de Cultura;
- Subsecretário Estadual de Defesa e Promoção das Populações Negras;
- Subsecretário da Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos;
- Diretor de Comunicação Social do Tribunal de Justiça e do Tribunal Regional do Trabalho;
- Representante do Brasil no Comitê Científico Internacional da UNESCO para o Programa Rota dos Escravos;
- Consultor brasileiro do Programa Escolas Associadas, da UNESCO;
- Membro da Comissão de Comunicação Institucional do Tribunal de Justiça;
- Membro do Conselho Estadual de Tombamento do Rio de Janeiro;
- Consultor Especial do Minc para o Programa Centenário da Abolição;
- Membro do Comitê Internacional da Diáspora Negra, Washington DC.

³ Orun é uma palavra da língua yoruba que define o céu ou o mundo espiritual.

⁴ Retirado de: <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/10/29/entrevista-joel-rufino-dos-santos/>, acessado em 08/04/2016.

⁵ Retirado de <http://www.joelrufinodossantos.com.br/paginas/index.asp>, acessado em 08/04/2016.